



**CIDADES**

Iguape, Ilha Comprida, Itariri, Juquiá, Miracatu e Pedro de Toledo

**CURSOS**

Língua Portuguesa, Geografia/História e Matemática

**112** professores  
capacitados

**33** escolas  
participantes

**240** horas/aula

Números referentes ao ano de 2004

Foto: Dário Crispim



Maestrina Sandra Gebram da Orquestra Infanto-Juvenil da Unicamp, durante cerimônia de encerramento dos cursos da Teia, em Miracatu; na página anterior, criança na E.E. Indígena da Aldeia Uruity



Alunas durante intervalo na E.E. Pedro Barros, em Miracatu



## TRANSFORMAÇÃO

Lourdes Maria Baptista da Costa Silva (à esquerda), dirigente de ensino de Miracatu, conhece como poucos a discriminação sofrida pelo Vale do Ribeira. Na educação, inclusive. Até a Unicamp assumir os cursos da Teia do Saber, por exemplo, o projeto não havia deslanchado na região, vista por ela como “muito carente culturalmente”. Não há cinema, teatro, praça de esportes e equipamentos de lazer. A falta de estrutura, assegura a dirigente, é compensada com a garra e a dedicação dos funcionários.

A ligação de Lourdes com seus subordinados é estreita. Prova disso foi o arroz com palmito preparado por ela no almoço de confraternização da D.E. Tão estreita quanto, é a afinidade que a dirigente tem com as coisas da terra. Criada na zona rural, onde se iniciou na profissão, a professora sabe que no Ribeira as chances que vêm de fora são uma oportunidade rara. “Os professores amaram a Teia do Saber. A grande maioria deles acaba a faculdade e pára de estudar, não busca reciclagem”.

A entrada em cena da Unicamp mudou esse estado de coisas. “Foi muito chique”, comemora Lourdes, para quem “educação é vida e energia”. Talvez por isso Lourdes tenha providenciado transporte e um “lanche reforçado” para os participantes da Teia do Saber. A dirigente sabe que a adesão ao projeto é uma janela que se abre para a transformação.



Almoço de confraternização dos funcionários da D.E. de Miracatu



## SEM 'ACHISMO'

A ida dos docentes da Unicamp a Miracatu tirou os professores da região do estado de “inércia mental” em que se encontravam. É o que pensa a supervisora da Teia do Saber em Miracatu, Flávia Catanante, que destaca os desafios propostos pelos cursos oferecidos no programa e o fato de as discussões chegarem ao patamar científico. “Acabou o tempo do ‘achismo’. Os docentes da Unicamp mostraram que é possível dar uma boa aula e transmitir o conteúdo por meio de metodologia que prenda a atenção do aluno”.

Flávia acredita que o conhecimento adquirido pelos professores que participaram da Teia vai resultar na inclusão escolar e social do aluno, principalmente daquele que não se familiariza com métodos tradicionais de ensino. “O jovem vai ter sua identidade resgatada. Mesmo porque é imensa a riqueza cultural do Vale do Ribeira”.



## VITÓRIA

A participação da Unicamp na Teia do Saber foi uma vitória, na opinião de Márcia Regina Castro, gestora do projeto na D.E. de Miracatu, que ressalta o fato de não ter havido abandono ou desistência. “Os professores já estão aplicando as metodologias na sala de aula. Trata-se de um grande começo. Os resultados estão aparecendo e percebe-se que as iniciativas estão chegando na outra ponta, ou seja, nos alunos”.



## NA ESTRADA DA VIDA

Da lousa para a boléia, da boléia para a lousa. Agenor Araújo de Oliveira fez de tudo um pouco. Começou sua trajetória profissional como professor de Biologia. Depois, largou o ofício para atravessar o país como motorista de caminhão. Rodou milhares de quilômetros na estrada da vida. Foi comerciante, metalúrgico, vendeu plano de saúde. E, no final, voltou para a escola, de onde não saiu mais desde 1991.

Lotado na E.E. Sebastiana Muniz Teixeira, em Iguape, Agenor acha fantástico o fato de a Unicamp ter levado para Miracatu “conteúdos que não estão prontos”. Na opinião do professor, “a Unicamp incentivou e motivou o pessoal que nunca teve chance de chegar lá”. O professor gostou tanto que não mediu sacrifícios para freqüentar a Teia, voltando às grandes quilometragens do tempo de caminhoneiro. Levantava na madrugada alta e pegava uma balsa para subir no ônibus que o levava a Miracatu. “Não há vitória sem sacrifício”.



## HISTÓRICO

Leonel Rebouças Filho (à esquerda), professor de História da E.E. Armando Gonçalves, em Miracatu, contabiliza 17 anos de magistério. Optou por participar da Teia do Saber depois de saber que a Unicamp promoveria os cursos. Na sua opinião, o conhecimento adquirido acrescentou muito à sua bagagem e fez aflorar idéias para desenvolver trabalhos sobre o histórico da região.

## VIBRAÇÃO

Wanderlúcia Elizabeth dos Santos, professora de Português da E.E. Armando Gonçalves, não se arrependeu de passar sábados inteiros nos bancos escolares. “O curso foi maravilhoso”. Conseguiu passar para seus alunos do ensino fundamental uma atividade envolvendo um conto de Lygia Fagundes Telles. “Os alunos vibraram”.



Professores do Programa Escola da Família ensinam capoeira na E. E. Jofre Manoel, em Iguape



Nestas duas páginas, cenas da E.E. Indígena da Aldeia Uruity, em Miracatu



## NA ALDEIA

A historiadora Ana Lúcia Lara freqüentou a Teia do Saber na condição de supervisora de quatro escolas indígenas, todas guarani, da D.E. de Miracatu. Sua função prevê o acompanhamento e a capacitação de quatro professores, escolhidos pelas comunidades. Ana Lúcia acredita que a Teia chegará em 2005 às aldeias, cujos professores já participaram de um programa de capacitação promovido pela Secretaria de Educação.

“Os professores indígenas só não fizeram a Teia porque não têm curso superior, mas tudo indica que, na próxima edição, vão participar do ‘Ler para Aprender’”. Peculiaridades marcam o universo das aldeias, que sobrevivem do artesanato e da agricultura de subsistência, sobretudo das plantações de mandioca e palmito. Os índios têm um calendário próprio – respeitam a época da plantação e os festejos do Dia do Índio atravessam uma semana inteira. As aulas são bilíngües, num dia os alunos aprendem português e, no outro, tupi-guarani.



À direita, Ana Lúcia em aula da Teia do Saber



Alunas Belvia Marília dos Passos Leite (à direita) e Isabele Passos Durvaesch

## NAS ABAS DA IMAGINAÇÃO

Isabele Passos Durvaesch, 12 anos, é quem conta a história. Sua avó não acreditou quando viu a neta tão envolvida com uma atividade de Matemática. Primeiro, porque a matéria nunca esteve entre as preferidas da garota. Depois, por achar estranho que esse súbito interesse pelos conceitos matemáticos estava associado à confecção de bonés. Mas o que o prosaico acessório tem a ver com cálculos e afins? Belvia Marília dos Passos Leite, 11 anos, colega de Isabele, tem a resposta: ela e Isabele aprenderam a trabalhar com medidas, assimilando as figuras geométricas do objeto, entre os quais triângulos e cones.

Para fazer a aba, por exemplo, foram necessários muitos ensaios. “Pegamos os moldes dos bonés, tiramos as medidas e colocamos no papel. Não deu certo. Quando chegamos em casa, refizemos os cálculos com paciência e, após algumas tentativas, conseguimos. Assim, fica fácil aprender Matemática”, comemora Isabele, aluna da professora Maria de Fátima dos Reis Guimarães, prata da casa da E.E. Armando Gonçalves.

A professora de Matemática levou três semanas para introduzir, no programa, conceitos assimilados na Teia do Saber. Maria de Fátima confessa



Aula de Matemática da professora Maria de Fátima dos Reis Guimarães



que, num primeiro momento, ficou receosa com o resultado da novidade. “Deu pânico”, admite, para justificar seu temor em seguida. “O trabalho envolvia uma pesquisa sobre a história do boné, disponível apenas na internet, além da necessidade de se direcionar o aprendizado”. A professora descobriria mais tarde que seus medos eram infundados. “Fiquei encantada com o resultado”.

Maria de Fátima conta que duas meninas da zona rural, que na sala de aula não interagiam e mal conseguiam se expressar, foram as primeiras a entregar o trabalho. Com exceção das costuras necessárias, as garotas fizeram tudo sozinhas. “Constatei que as meninas se expressaram com desenvoltura ao falar sobre a atividade”.



À esquerda, a professora Otília Paques exhibe boné confeccionado pelos alunos nas escolas da D.E. de Miracatu; seus conceitos foram acompanhados atentamente pelos professores da região (acima)

A responsável pela novidade que cativou professores e alunos de Miracatu foi Otília Paques, docente do Instituto de Matemática, Estatística e Computação da Unicamp. A professora chegou ao desafio depois de ler duas linhas de um enunciado que estava num manual de uma marca de calculadora... A idéia, somada à experiência de Otília, tornou bem mais digerível o aprendizado da disciplina mais temida pelos alunos. “A Matemática não é uma coisa seca”, ensina a docente, que defende que o aluno deve ser cativado.

“Tem que existir uma relação afetiva. Depois que o aluno é conquistado, fica muito mais fácil ensinar”, aconselha. Na opinião da docente, a amizade está em primeiro plano. Uma vez estabelecido o vínculo, vem o ensino. “Felizmente, a educação é feita de pessoas e não de prédios e computadores. É preciso criar laços”.

Fotos: Dário Crispim



